

Sertaneja e apostólica-romana: a imagem-semiosfera da beata Benigna Cardoso¹

Joedson Kelvin Felix de Oliveira²
Universidade Federal do Ceará - UFC

Resumo

Compreendendo a semiosfera como um campo onde habitam os signos e onde ocorrem processos comunicativos e a produção de novas informações, este trabalho tem como objetivo explicitar a imagem da beata cearense Benigna Cardoso da Silva (1928–1941) como uma esfera sónica com centro emergente e periferias circundantes. Para tanto, apresentamos a imagem oficializada pela Igreja Católica no contexto de sua beatificação, e realizamos uma análise discursiva e semiótica dos textos culturais que circulam nesse espaço, destacando as articulações entre imagem, narrativa e discurso religioso católico. O estudo fundamenta-se nos aportes teóricos de Iuri Lotman e em outras contribuições que auxiliam a refletir sobre dinâmicas interativas que sobrevivem frente aos mecanismos de memória e esquecimento da Instituição Católica.

Palavras-chave: benigna; imagem; semiosfera; fronteira; semiótica da cultura.

1. Im-possibilidades de uma imagem, imprecisões de uma história

Menina ou mulher? Símbolo de castidade ou de luta contra o feminicídio? Ícone sertanejo-nordestino ou apostólico-romano? Ao que parece, o uso da conjunção de oposição para elaborar essas perguntas é um modo pouco eficaz de pensar a imagem de Benigna Cardoso da Silva (1928-1941). Ao contrário disso, admitir a coexistência dessas classificações apresenta-se como a maneira mais adequada de evidenciar a forte presença de inúmeras imprecisões em torno de uma história marcada por ausências – a começar pela ausência de uma fotografia – não existe um retrato fotográfico que mostra como Benigna de fato foi em vida.

A impossibilidade de se chegar a um rosto tal qual foi em vida transcende e ressoa em inúmeras outras *im-possibilidades* de se demarcar, no tempo e no espaço, de modo estático, imagético, narrativo e discursivo, uma existência humana.

Na tarde de 24 de outubro de 1941, em Santana do Cariri, interior sul do Ceará, Benigna foi assassinada barbamente, aos 13 anos de idade, após se defender de um abuso sexual por parte de Raul, um jovem que a perseguia, enquanto ela ia buscar água

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: joedsonkelvin23@gmail.com.

numa cacimba, no sítio onde morava. Desde esse ato violento e comovente, sua resistência em nome do próprio corpo e, segundo a Igreja Católica, de sua castidade, foi considerado um gesto heróico e, por isso, digno de devoção popular enquanto “santa”. A força desse movimento de efervescência religiosa levou o Vaticano, maior autarquia religiosa do Mundo, a torná-la, em 2022, a primeira pessoa da história do Ceará a receber o título de beata, sob a alcunha de “Mártir da Pureza”.

Os quase 83 anos que separam a data do assassinato brutal de Benigna do presente foram ocupados por operações de linguagem que vão desde memórias orais e iniciativas devocionais populares até a institucionalização católica e política de sua história. Embora distintos em natureza, esses processos – por vezes interconectados – dedicaram-se a reconstituir não apenas sua face e sua história, mas também, a partir dela, a produção de linguagens mediadas por mecanismos religiosos, políticos e econômicos.

São esses processos que aqui nos interessam. À luz dos estudos da Escola de Tártu-Moscou, especialmente dos conceitos de semiosfera e fronteira propostos pelo semiótico Iúri Lotman (1922–1993), nossa proposta neste trabalho é explicitar a imagem de Benigna Cardoso da Silva, oficializada pela Igreja Católica no contexto de sua beatificação, como uma esfera sígnica com centro emergente e periferias circundantes.

Em um primeiro momento, apresentamos quais são e – como se comunicam – os textos culturais que habitam e transitam por esse espaço semiótico religioso. Em seguida, destacamos Benigna como um ser de fronteira, conceito central aos estudos lotmanianos, como discutiremos ao longo deste artigo. Por fim, exemplificamos alguns dos conflitos e tensionamentos que ocorrem nos limites dessa esfera e elaboramos reflexões sobre dinâmicas interativas que sobrevivem frente aos mecanismos de memória e esquecimento utilizados pela Instituição Católica.

2. Centro, periferia e fronteira: uma imagem-semiosfera

Quando Iúri Lotman denomina de semiosfera o espaço semiótico, ele propõe pensá-lo como um espaço-modelo – físico ou metafórico – que abarca todo um universo de sentidos. A existência desses sentidos só pode ser percebida graças à constante interação entre diferentes culturas que, embora contenham em seu interior zonas de

descontinuidade e heterogeneidade, empenham-se em organizar energeticamente informações, pensamentos e linguagens (Lotman, 2000). Por isso, o conceito lotmaniano de semiosfera surge não apenas como um instrumento para a compreensão dos resultados de processos comunicativos, mas também como condição essencial para que esses processos ocorram nos espaços da cultura: “A cultura organiza a si mesma em forma de um determinado ‘espaço-tempo’ e não pode existir fora dessa organização. Essa organização é realizada como semiosfera e, ao mesmo tempo, com a ajuda da semiosfera” (Lotman, 2001, p. 259; tradução nossa).

Diante dessa complementaridade indissociável, semiosfera e cultura são compreendidas como organismos vivos, dinâmicos e ativos, que estão constantemente modelizando a si mesmos. No contato com outras culturas e semiosferas, tornam-se simultaneamente modelizantes e modelizáveis. Para que essas modelizações ocorram, é necessário que a informação se transforme em texto – entendido, conforme Adriana Vaz Ramos *et al.* (2007, p. 31), como “constituído por inúmeros subtextos e em permanente diálogo com vários outros”. Ou seja, a forma como esses espaços se organizam, contaminam-se e são contaminados por outros resulta da interação constante entre textos diversos, oriundos de diferentes espaços e tempos. Nas palavras de Lotman (1996b, p. 82), trata-se de: “Um complexo dispositivo que guarda vários códigos, capaz de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens, um gerador informacional que possui traços de uma pessoa com um intelecto altamente desenvolvido”.

Entretanto, não haveria semiosfera – tampouco compreensão dos diversos sistemas culturais que a compõem – sem a presença do que Lotman denominou de fronteira. Segundo o autor, a fronteira tem a função de filtrar o que está fora (ou seja, alheio ao espaço semiótico), convertendo-o em algo traduzível para dentro. Isso se deve ao fato de que a semiosfera possui um interior fechado e organizacionalmente estruturado, e, portanto, não pode interagir diretamente com o exterior. Assim, é a fronteira que desempenha o papel essencial de tornar possível a existência de qualquer esfera sónica, ao semiotizar – ou seja, traduzir – o que é *alossemiótico*, aquilo que ainda não existe enquanto signo, por ainda não ter sido nomeado. Como afirma o próprio Lotman:

A fronteira do espaço semiótico é uma posição funcional e estrutural muito importante, que determina a essência do seu mecanismo semiótico. A fronteira é um mecanismo bilingual que traduz as mensagens externas para a linguagem interna da semiosfera e vice-versa. Dessa forma, apenas com a sua ajuda a semiosfera pode entrar em contato com o espaço não semiótico e extrassemiótico. (Lotman, 1992, p. 14, tradução nossa).

Além de realizar esse movimento constante entre o dentro e o fora da semiosfera, as fronteiras – e aqui já nos permitimos usá-las no plural – também desempenham funções específicas em seu interior. Isso porque sua configuração não se constitui como um todo homogêneo, mas se organiza em níveis interseccionados (Lotman, 2000). Ou seja, dentro de cada esfera sígnica existem hierarquias estruturais – assim como em espaços geográficos, nos quais se distinguem regiões centrais e marginais – e essa organização só é possível graças ao papel funcional das fronteiras como mecanismos tradutores de textos. Em outras palavras, são elas que ativam e intensificam as constantes interações entre os conteúdos que circulam entre os centros e as periferias internas de qualquer sistema semiótico.

Em seu artigo *The Topography of Yuri Lotman's Semiosphere*, Winfried Nöth (2014) ressalta a amplitude dos estudos de Lotman, que se valeram de uma vasta gama de temas – como enredos, espaços geográficos, ambientes simbólicos, textos medievais russos, entre outros – para descrever e compreender o que denominou semiosfera. Essa diversidade, segundo Nöth, evidencia a ambiguidade produtiva do conceito, o que nos permite ampliar nosso próprio campo de observação, enquanto aprendizes da tradição semioticista de Tártu, a fim de identificar, nomear e explicitar exemplos de semiosferas que se articulam em constelações culturais no tempo presente.

É a partir dessa abertura interpretativa que encontramos espaço para apresentar aqui a imagem que nos propomos a investigar como uma semiosfera: a imagem de Benigna Cardoso da Silva, oficializada pela Igreja Católica (Figura 1). Sua apresentação ocorreu publicamente durante a cerimônia de beatificação, realizada pelo Vaticano e pela Diocese da Região do Cariri, em 24 de outubro de 2022, na cidade do Crato, no Ceará. A revelação da imagem diante dos milhares de fiéis presentes marcou o ápice de um longo percurso, que envolveu não apenas tentativas de reconstrução facial, mas também a organização de um conjunto de narrativas sobre sua vida, morte e pós-morte.

Esse conjunto inclui documentos, relatos de graças alcançadas e testemunhos de contemporâneos de Benigna.

Figura 1 - Imagem de Benigna oficializada durante cerimônia de beatificação (2022).



Fonte: Ascom/Diocese de Crato-CE.

Olhemos para essa imagem. Furemos, por ora, suas bordas, para que possamos mergulhar e transitar pelo interior dessa esfera. No centro, encontramos a figura mais elementar: a representação nuclear da ascensão de uma existência humana à honra dos altares. Benigna aparece com o olhar elevado, a mão direita erguida e o dedo indicador apontado para o céu. O termo “beata” passa a anteceder seu nome de nascimento e reconfigura sua identidade. Com ela, também se elevam elementos que conferem valores cristãos à narrativa de sua vida. Ao observarmos sua mão esquerda sobre o peito, notamos um ramalhete de palmas e lírios – símbolos católicos que representam, respectivamente, o martírio e a castidade. A auréola, ou halo, coroa essa figura e, ao ser

sacralizada, a insere no repertório imagético do catolicismo apostólico-romano. Os vocativos “Mártir da Pureza” e “Heroína da Castidade” traduzem em palavras os elementos centrais da imagem e acompanham o rito que oficializa Benigna como figura sagrada.

Seguindo o mergulho, alcançamos os planos secundários, as periferias dessa composição. Lá, estão os elementos que remetem ao território onde Benigna nasceu, viveu e morreu. A geografia do lugar é evocada por um solo amarelado, um pote de barro e uma sandália de couro. Logo surgem perguntas sobre a presença e disposição desses objetos: por que estão dispostos ao redor do centro da imagem? O pote, o chão seco e a sandália desvendam o contexto espacial e histórico de onde emerge sua história. Esses signos remetem, de forma imediata, à seca e à escassez d’água, realidade comum em partes do sertão nordestino. Ainda que de maneira opaca, esse plano de fundo também remete à narrativa da morte brutal de Benigna – que aconteceu quando ela buscava água numa cacimba, carregando sobre a cabeça o pote que, agora, na imagem, aparece no chão, com a água completamente derramada. Esse cenário sugere tanto o ato violento em si quanto a ausência histórica de políticas públicas, além de denunciar o machismo estrutural presente no Cariri e em outras regiões do Ceará. Difícil é o mergulho nas camadas mais secas e periféricas desta imagem.

Dando alguns passos para trás – como quem percebe a dureza do interior e deseja retornar à superfície – voltemos o olhar às bordas que emolduram e delimitam essa imagem-semiosfera. Ali, encontram-se ícones pouco familiares ao sertão nordestino. Figuras de tempos e espaços distantes, extraídas das molduras que ornaram os missais romanos³, e que, agora, recebem e legitimam essa nova imagem sagrada, forjada em tempos recentes. Parecem funcionar como guardiões dos textos religiosos, que dialogam entre si e traduzem outros, nem sempre sacros, para consagrar essa figura. Como apontam os estudos semióticos da Escola de Tártu-Moscou, trata-se da estruturação de um espaço semiótico – onde textos, tempos e lugares distintos se entrecruzam: sertão e Roma, séculos XX, XXI e outros ainda mais remotos, coexistindo na mesma semiosfera. Enquanto traduções de tradições, as interações nesse espaço impulsionam uma intensa produção de novas informações (Lotman, 1996b).

³ O missal romano é um livro de liturgia católica. Como o próprio nome sugere, é utilizado durante celebrações de missas do Rito Romano da Igreja Católica.

Para ilustrar a dinâmica que emerge dessa esfera sónica – e que também a lê – destacamos dois trechos do texto que acompanhou a apresentação oficial da imagem de Benigna Cardoso:

(...) Bem **perto de nós geograficamente** e mais próximo ainda do coração, acabamos de contemplar oficialmente a **estampa** daquela que entra não só na galeria dos beatos e beatas da Igreja, mas a face daquela que almejava as suas **vestes no sangue do cordeiro**, esposo de sua alma, a quem desejava entregar-se inteiramente. Cujas determinação e coragem faz ecoar em nós o desejo da santidade.

(...) Que belo e poético para a nossa realidade. **Realidade de nordestinos**. Contemplarmos a nossa santinha, como nós carinhosamente conhecemos, com seu **vestido vermelho com bolinhas brancas**. Sinal do martírio e da pureza. Benigna sobe aos altares **vestida de chita**. Chita é o **nosso tecido**, faz parte da **nossa história**, é a santa do nosso coração. **Temos uma beata no céu vestida de chita**. Na simplicidade de uma menina, pois Deus escolhe os fracos, para confundir os fortes. (Bispo da Diocese de Crato, Dom Magnus Henrique Lopes⁴, grifos nossos).

Dessas palavras, nos atentamos a um aspecto recorrente nesse discurso e que salta à imagem: um vestido vermelho com bolinhas brancas. Quantos códigos carrega essa estampa? Quantos textos culturais disputam sua tradução? As vestes de Benigna são, sem dúvida, o elemento mais proeminente não apenas na esfera sónica analisada, mas também em diversos processos comunicativos que ocorrem em outras esferas possíveis. No diálogo entre imagem e palavra, o vestido é ora traduzido como tecido histórico do Nordeste: “é o nosso tecido, faz parte da nossa história”; ora como a estampa manchada “no sangue do cordeiro”.

A partir dessa estampa multiespacial, encontramos caminhos para sair do interior da semiosfera religiosa e perceber outras zonas semióticas possíveis, que se autogeram no presente a partir de uma história do século passado, e, mais especificamente, de um ato fatídico que levou à morte de uma jovem que trajava um vestido com essas mesmas características, segundo a tradição oral popular.

A trajetória de vida e morte de Benigna Cardoso, nas múltiplas formas como tem sido narrada, é marcada por oposições e assimetrias bipolares, ao mesmo tempo em que mobiliza confrontos entre esferas distintas. De um lado, o que acabamos de explorar:

⁴ O discurso foi lido durante a Cerimônia de Beatificação de Benigna Cardoso da Silva, realizada em 24 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x1tP9bsqTGo>. Acesso em: 16 de jun. 2025.

uma história sistematizada culturalmente por mecanismos discursivos de memória institucional, operados pela Igreja Católica. Trata-se de uma informação nova gerada por textos apostólicos romanos que recodificam moral, castidade e bons costumes, traduzindo símbolos de um espaço-tempo não romano. Do lado oposto, externo a essa estrutura hegemônica, encontramos tentativas de evidenciar uma história de violência de gênero, orquestrada por uma cultura machista. Nesse contexto, Benigna é considerada um símbolo de luta contra o feminicídio⁵, título oficializado por meio de uma lei estadual, expressão de leituras político-sociais contemporâneas que reinterpretam sua morte.

O que separa e, ao mesmo tempo, conecta esses dois mundos? Os estudos de Iuri Lotman destacam que, nas fronteiras de cada semiosfera, existem seres que operam como mediadores, possibilitando o contínuo do espaço semiótico. Sem esses agentes fronteiros, não haveria trocas culturais, nem o movimento interativo entre textos diversos; em outras palavras, não existiria semiose sem a funcionalidade da fronteira. É exatamente nesse limiar que se localiza a existência histórica e humana chamada Benigna. Sua presença se inscreve de forma interdependente nas (e das) informações novas geradas pelos traços de sua vida e morte. Benigna participa da memória, mas também resiste ao esquecimento produzido pela instituição católica. Os textos que são excluídos da imagem-semiosfera religiosa movimentam-se, em certa medida, para criar novos discursos culturais em outras esferas *im-possíveis*.

3. Um ser de fronteira: breves considerações finais

Vale refletir sobre esses outros espaços que, enquanto células multiplicadoras, resistem ao esquecimento graças ao papel fundamental desempenhado por uma história igualmente sobrevivente – a de um ser de fronteira. Leis, performances⁶ e matérias jornalísticas formam um repertório de expressões e linguagens que, na contramão da ótica religiosa, lembram para não esquecer a violência sofrida por Benigna. “Uma beata

⁵ No dia 7 de maio de 2019, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará aprovou o projeto de lei de nº 162/19 que torna a data da morte de Benigna, 24 de outubro, o Dia Oficial de Luta Contra o Feminicídio no Estado.

⁶ A performance intitulada “Pote”, do grupo MANADA Teatro, é um exemplo recente de como a narrativa do pote de barro é incorporada. Vídeo de divulgação disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrXApc3L8kj/> Acesso em: 17 jun. 2025.

brasileira contra o feminicídio” é o título de uma matéria publicada pelo jornal *El País*⁷, em 30 de outubro de 2021, que evidencia sua imagem e história sob a perspectiva do feminicídio, destacando os fatores sociais que causaram a morte da jovem santanense. De forma estratégica, mantendo a lógica do discurso, a matéria não deixa de chamá-la de “Beata”.

Esse trânsito, no entanto, também se dá no sentido inverso. Frequentemente, a própria Igreja Católica faz uso do termo “feminicídio” ao referir-se ao assassinato bárbaro de 24 de outubro de 1941. Identificar quando e como isso ocorre não é uma tarefa complexa: basta observar o que aqui chamamos de imagem-semiosfera – tradução da instituição religiosa que enfatiza certos elementos e descentraliza ou silencia outros. Quando, na imagem oficial de Benigna, são relegados ao segundo ou terceiro plano, isto é, às periferias, elementos que remetem à violência sofrida (como o pote de barro derramando água), evidencia-se que os rastros da narrativa de um feminicídio não são completamente apagados. Apenas deslocados.

É nesse cenário de tensões e atravessamentos que residem algumas de nossas principais inquietações, ensaisticamente delineadas ao longo deste texto. Uma delas voltou-se para os modos como operam os mecanismos de memória e esquecimento — aquilo que “exclui da tradição os elementos indesejáveis da memória coletiva”, como escreveu Jerusa Pires Ferreira (1995, p. 117) –, bem como para os textos que se sobrepõem a outros no interior da imagem-semiosfera religiosa. Outra problemática, ainda em curso, requer atenção ao “como” os elementos antes descartados sobrevivem e recriam novas dinâmicas interativas, dando origem a novos textos e informações. De todo modo, ao ocupar a fronteira que une e separa diferentes sistemas culturais, Benigna continua a nos convidar a mergulhos profundos.

Referências

LOTMAN, I. M. **O semiosfere [Sobre a semiosfera]**. In: _____. *Staliĩ po semiótike i tipológuii kultúry (Artigos sobre semiótica e tipologia da cultura)* Tallinn: Aleksandra, 1992, p. 11-24.

LOTMAN, I. M. La semiótica de la cultura y el concepto de texto. **La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto**. Tradução de D. Navarro. Madrid: Cátedra, 1996b.

⁷Disponível

em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-30/uma-beata-brasileira-contra-o-feminicidio.html>
em 16 jun. 2025.

Acesso

LOTMAN, I. M. **Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2000.

RAMOS, A. V. *et al.* Semiosfera: Exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, Irene (org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo, Annablume, 2007.

NÖTH, W. The topography of Yuri Lotman's semiosphere. **International Journal of Cultural Studies**. vol. 18. SAGE Publications, 2014. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1367877914528114>. Acesso em 28 mai. 2023.

FERREIRA, J. P. Cultura é memória. **Revista Usp**, São Paulo, v. 24, n. 1, p 114-120, dez. 1994. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/27032/28806/31476>. Acesso em 12 mai. 2023.